

Nos anos 50, vivi os meus 20 anos. Foi uma época de vida intensa, nas actividades, nos interesses, nas emoções. Tive muitas vezes a sensação de que estava a colher frutos antes de ter semeado.

Nos anos 50, fui estudante no Técnico, acabei o curso, encetei a vida profissional. Comecei pela investigação em energia nuclear - coube-me a tarefa de estudar métodos de dosagem do U235 nos minérios de urânio existentes em Portugal. (Na altura, internacionalmente, os jovens profissionais que se dedicavam à Física Nuclear interrogavam-se sobre se "a utilização da energia nuclear para fins pacíficos" legitimava o trabalho numa área que produzira Hiroshima...) Depois, foi a participação na realidade da indústria, a entrada no mundo técnico, altamente competitivo, da Companhia União Fabril. Aí, fiz parte de uma equipa pioneira que dava os primeiros passos na organização da investigação científica na indústria em Portugal. Com os meus colegas de equipa, procurávamos os fundamentos teóricos para a resolução dos problemas concretos que até então eram resolvidos em Portugal pelo recurso a especialistas estrangeiros. Cabia-me a análise sistemática da literatura científica com consequências para os vários ramos de actividade da empresa e, nesse âmbito: publiquei quinzenalmente as fichas bibliográficas das actividades de investigação que tinham incidência sobre o trabalho de produção e controle de fabrico; lancei a publicação da revista "Indústria"; organizei, semanalmente, colóquios de actualização científica para os quadros da empresa. O meu quadro de vida era então a semana de 48 horas de trabalho, a poluição do bairro operário ao lado das fábricas e, mais tarde, as 3 horas de transporte entre o Barreiro e Lisboa...

Nos anos 50 - tinha 24 anos - vivi a independência total em relação à família. Outra casa, outro lugar. Não era costume: as raparigas só saíam da casa da família quando casavam. Foi o tempo em que aprendi a organizar tudo por mim mesma, sózinha - experiência que milhões de mulheres iriam fazer anos mais tarde, tomadas pela "onda larga" do movimento de mulheres. Foi também o tempo em que descobri que havia outras estruturas de vida comunitária a criar e a inventar, através da convivência alargada, da inter-ajuda, da irradiação. Se a família nuclear não era, para algumas de nós, o quadro de vida, ainda menos o era o universo fechado de uma casa povoada de "coisas", deixando no limiar da porta o cuidado e a responsabilidade pelos outros...

Nos anos 50, descobri o Cristianismo vinculado à vida, conduzindo a um grande empenhamento social e assente no que chamávamos então "a vocação intelectual". Fomos várias gerações, vindos de todas as Faculdades de Lisboa, Porto e Coimbra (as únicas Universidades de então) a querer transformar a Universidade, a querer po-la ao serviço da sociedade, a exigirmos de nós mesmos uma vida dedicada aos outros, através do "pensamento" e do que chamávamos então "a ética do serviço bem feito". Fizemos em 1953 um grande Congresso Nacional com 2000 estudantes de todas as universidades e um inquérito a cerca de 25% da população universitária. Pensávamos que íamos mudar tudo!

Nesses anos, organizei dezenas de reuniões, fiz conferências, dirigi grupos de trabalho. Aprendi a metodologia do trabalho intelectual e, assumindo responsabilidades que me alargavam para além das tarefas tradicionais e das minhas próprias limitações, aprendi as exigências da liderança. Durante 4 anos, fui presidente da J.U.C.F. - encontros / seminários / campos de férias / publicações e todos os fins-de-semana cheios, cheios. Era uma cultura católica - uma sub-cultura na vida do país - mas onde jovens mulheres (entre os 17 e os 25 anos) aprendiam por si mesmas a planear, a estrategizar, a aprofundar as grandes questões. Os leigos representavam então na Igreja uma grande força - e as mulheres souberam usá-la.

Nos anos 50, embriagava-me de literatura e de música. Estudava e trabalhava ao som da Emissora 2. (com o primeiro ordenado comprei o pick-up e o primeiro disco: o concerto n.3 para piano e orquestra de Prokofiev.) e ficava até altas horas mergulhada na leitura de Gertrude von le Fort, Francois Mauriac, Paul Claudel, Bernanos, Péguy. Universos de paixão absoluta, de perversões do afecto nesse mesmo exagero, de sacrifícios sem sublimação, do dom de si na exaltação da obra realizada, da mística a atravessar a espessa densidade de afectos violentos. Era também o tempo dos "Diários" de Miguel Torga, das suas poesias e da identidade nacional que ele ia desvendando a percorrer o país, palmo a palmo, e a reconhecer as pedras e as gentes. Para a minha geração, a poesia pontuou acontecimentos, emoções, estados de alma. A Atica publicava a obra poética de Fernando Pessoa. E como podiam jovens engenheiros, a viverem - pensar - a pensar uma fase nova da vida do país, não se deixarem tomar por esse outro engenheiro que era Alvaro de Campos?

Foi também nos anos 50 que despertou e cresceu em mim aquilo que viria a tornar-se convicção profunda sobre o papel das mulheres na sociedade. As minhas amigas do tempo da Universidade faziam opções decididas. A grande maioria casavam com colegas, tinham os primeiros filhos e eram ao mesmo tempo, profissionais de grande competência. Entre raparigas havia uma amizade de intensa partilha, de projectos comuns, de ideal analisado e discutido, de cartas intermináveis. Com os rapazes uma camaradagem despretençiosa, e, em muitos casos, uma amizade que se fortalecia no reconhecimento implícito da diferença entre os sexos e que se manifestava numa certa contenção das relações. O jogo de palavras, o prazer da ironia com armas diferentes, o diálogo de ideias atravessado por emoções e afectos - a música da relação entre os sexos inscrevia-se numa gama variada de sinais sem tradução nos costumes de hoje.

Através da Acção Social Universitária e, mais tarde, no meio fabril, percebi que as mulheres viviam não só sexualmente discriminadas pelos homens mas dominadas por eles, em formas que violavam toda a dignidade da pessoas humana. Em oficinas só de mulheres, os contramestres exigiam o silêncio face a toda a espécie de chantagem sexual. A JOCF - movimento muito forte no meio operário - não se cansava de denunciar um caso após outro. Percebi então que à condição operária, que me levava até à engenharia, se

sobrepunha, no caso das operárias, a sua condição de mulheres. As condições físicas do trabalho eram inaceitáveis; os abortos chegavam a atingir 6 ou 7 por cada mulher trabalhando em fábricas - era um sofrimento marcado em rostos envelhecidos de mulheres que ainda não tinham 30 anos. Mas a violência sexual ia mais longe e a luta contra as causas da prostituição tomava aspectos muito diversos. As poucas mulheres deputadas não se cansavam de denunciar na Assembleia Nacional a prostituição. Mas foi na sub-cultura católica que se procurou ir às raízes sócio-económicas do problema e que surgiram alguns "profetas" com iniciativas ousadas.

Foi nos anos 50 que comecei a viver às "dimensões do mundo": a descoberta da Europa próxima e distante, latina e anglo-saxónica, a exaltação das primeiras amizades com gentes de outras terras que deram fisionomia humana ao que até então era só geografia. (Como nos entusiasmava o Jean-Christophe, do Romain Rolland, onde se fundiam e se completavam a vertente latina e a vertente germânica da Europa).

Em 1957, ano da primeira independência de um país africano, o Gana, presidi em Accra ao I Seminário de Estudantes Católicos das Unversidades do Sul do Saará. Recebi N'Krumah, fiz o discurso de boas-vindas - e, no regresso a Lisboa, fui chamada às várias autoridades da época para justificar o meu entusiasmo pela independência dos países colonizados... Não sei o que mais me marcou nesse primeiro contacto com Africa - se o sentir pela primeira vez o que é a respiração da floresta tropical que de noite "fala" e se sente crescer, se a perplexidade perante um país que começava a sé-lo e as interrogações que daí nasciam: o que é mais importante fazer? por onde começar? - só escolas de Agricultura, Medecina, Engenharia? ou também as humanidades, o direito, as coisas aparentemente não imediatamente úteis? É que no Seminário participava a primeira geração de estudantes universitários na Africa negra. Makerere College, com uns escassos 10 anos, parecia já uma "velha" universidade...

Depois de Africa, veio o meu primeiro contacto com a América Latina, em El Salvador. Aí, mais uma perplexidade: como ajustar as minhas ainda incipientes ideias e teorias sobre o desenvolvimento, ao fosso gigantesco entre os que tudo tinham e aqueles que no centro da cidade se acotovelavam para tentar vender aqui um fruto, além uma peça de artesanato, que lhes garantisse o necessário para matarem a fome?

Dessa década data ainda o meu encontro com os Estados Unidos. Teve lugar num quadro muito especial: o da descoberta da vida e das expressões sociais e culturais do movimento do Graal. E ainda hoje não sei se a criatividade que me seduziu era um ambiente geral (sê-lo-ia na América ainda afectada pelo McCarthismo e por ideias conservadoras sobre o lugar das mulheres na sociedade??) ou se generalisei a toda a América o que encontrei num dos grupos com maior dinamismo intelectual e, ao mesmo tempo, como uma das mais radicais e pioneiras propostas de formas alternativas de sociedade.

Nos anos 50, vivi uma fase decisiva da minha compreensão do mundo e da minha relação aos acontecimentos, ao trabalho, às coisas. Estimulada por professores e colegas excepcionais, procurava o significado das leis do universo físico, a similitude entre os processos que se davam no seio da matéria e os que tinham lugar na sociedade ou mesmo entre duas pessoas. Fascinava-me o universo conceptual para que abriam as equações fundamentais da Física, "sabia" que tudo se move por saltos quânticos, que cada afirmação é um enunciado de probabilidade, que a "energia" é, ao mesmo tempo, uma realidade material e uma realidade imaterial. Começava para mim o pensamento analógico que me haveria de ajudar a "circular" entre formas diversas do saber - e, que, de forma especial, me haveria de ajudar a aprofundar a Fé cristã. E ainda, a outro nível, ganhava forma em mim uma metodologia interdisciplinar que, tendo naturalmente a sua raiz nas ciências exactas, iria desembocar em outros domínios e, de forma especial, no entendimento da questão política. Mas não fora isso que nos ensinara o "engenheiro":

*"O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo. O que há é pouca gente para dar por isso."*

Fundação Cuidar o Futuro